

AS DOAÇÕES DE D. MANUEL, DUQUE DE BEJA, A ALGUMAS IGREJAS DA ORDEM DE CRISTO *

por Maria José Pimenta Ferro

É objecto de estudo desta comunicação, o «Livro em que ssum assemtadas as vistimentas, joyas e ornamentos que ho ducque dom Manuell, nosso senhor, regedor e governador da hordem da cavalaria de Jhesus Christo emviou pera as igrejas da dicta hordem» (1).

É um rol, truncado, das ofertas que D. Manuel, duque de Beja e senhor de Viseu, regedor e governador da Ordem Militar de Cristo (2), dá às igrejas desta milícia, sitas

* Este artigo, com algumas modificações, é o texto da comunicação apresentada no Congresso Internacional Hispano-Português sobre «Las Ordenes militares en la Peninsula durante la Edad Media».

(1) A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1. Julgamos que as ofertas, dadas ao Convento de Tomar por D. Manuel, e citadas por Vieira Guimarães, em *A Ordem de Cristo*, Lisboa, 1936, págs. 192-193, sem quota arquivística, sejam algumas das mencionadas neste documento. Contudo, como as restantes permanecem inéditas, segundo supomos, cremos não haver inconveniente em dá-las a conhecer.

(2) Damião de Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, Coimbra, 1949, vol. I, pág. 14; António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, 1947, vol. III, pág. 100; *História de Portugal*, dir. por Damião Peres, Barcelos, 1931, vol. III, pág. 189.

D. João I, na sequência de uma política que visava utilizar os inúmeros bens das Ordens Militares, na luta contra os mouros no norte de África, obtém do Papa Martinho V, em 25 de Maio de 1420, o cargo de Regedor e Governador da Ordem de Cristo, para o seu filho D. Henrique, e, pouco depois, o da Ordem de Santiago para o infante D. João e o de Avis para D. Fernando (Vide: *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1960, vol. II, pág. 301, nota (1)). Por morte do Infante «Navegador», sucede-lhe, em 1460, o seu filho adoptivo, o infante D. Fernando, irmão do monarca, D. Afonso V, e filho de D. Duarte e de D. Leonor de

na Metrópole e nas ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores ⁽³⁾.

O documento refere, essencialmente, uma doação, feita em 1492, e que se terá estendido, consoante as igrejas até 1494. Acidentalmente, menciona outras duas, anteriores, sendo uma de 1486 e outra de 1489.

A lista encerra informes de paramentos, uns de tecidos caros, como os veludos, damascos e cetins, outros de linho e sarja, os primeiros, importados do estrangeiro, os segundos, provavelmente, aqui fabricados; de peças de ourivesaria, sendo algumas de prata dourada, trabalhada, pesando uma de entre elas oito marcos e meio e meia onça, outras de simples metal não especificado; de retábulos, possivelmente de pintores portugueses contemporâneos, estátuas de pedra, «ricas», e livros místicos e missais.

Mas, antes de avançarmos no estudo das ofertas de D. Manuel, vamos ver, pormenorizadamente, quais são e a que

Aragão, que, além de usufruir o cargo da Ordem de Cristo, tinha, também, a administração da Ordem de Santiago (Ver: Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 2.^a ed., Barcelos, 1967, vol. I, pág. 349; António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, Coimbra, 1946, vol. II, pág. 284). Após o seu falecimento, sucede-lhe o primogénito, D. João, ainda menor, e que morre por volta de 1472 (Vide: *História de Portugal*, Barcelos, 1931, vol. III, pág. 122; A. Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. II, pág. 288). D. Diogo, duque de Viseu e de Beja, filho segundo de D. Fernando e de D. Beatriz, ocupa, apenas, o mestrado de Cristo, até 1484, altura em que, envolvido numa conjura contra D. João II, é apunhalado no paço de Setúbal (Vide: *História de Portugal*, Barcelos, 1931, vol. III, págs. 122, 162, 188 e 189; A. Caetano de Sousa *ob. cit.*, vol. II, pág. 289). Em Agosto, do mesmo ano, o Príncipe Perfeito dá ao seu cunhado e irmão mais novo de D. Diogo, D. Manuel, o ducado de Beja, o senhorio de Viseu e o mestrado da Ordem de Cristo.

(3) Em 1433, D. Duarte doa o temporal e o espiritual do arquipélago da Madeira, Porto Santo e Deserta, a seu irmão D. Henrique, regedor e administrador da Ordem de Cristo. Em 1456, o papa Calisto III entrega a esta milícia a espiritualidade de todas as terras descobertas, desde os Cabos Bojador e Não até à Guiné «e para além daquela praia meridional até aos índios» (Vide: *Monumenta Henricina*, vol. I, pág. 105; *Ibidem*, Coimbra, 1960, vol. II, págs. 361-362; *Ibidem*, Coimbra, 1962, vol. IV, págs. 268, nota (1), 270 e 354; *História de Portugal*, Barcelos, 1931, vol. III, pág. 383).

templo se destinavam. Como o livro se apresenta truncado, apenas temos conhecimento das doações feitas ao Convento de Tomar, às igrejas de Santa Maria do Castelo, Santa Maria do Olival, cabeça da vigairaria, Pias e Olalhas, em Tomar, à de Dornes, Castelo Branco, Idanha-a-Velha, Arêz, à capela henriquina de Santa Maria de Belém, em Lisboa, às de Soure, Pombal, Nisa, e a alguns dos templos das ilhas de Porto Santo, Madeira e Açores. Contudo, é provável, até pelo próprio título lato do registo, que outras igrejas da ordem tenham sido contempladas, embora não possuamos informação segura.

Assim, ao Convento de Tomar, sede da Ordem, desde que ela se transferiu de Castelo Branco para esta cidade⁽⁴⁾, cabe-lhe as seguintes doações, entregues a frei Bartolomeu, sacristão do convento:

- 1 vestimenta de damasco preto, com suas almátegas, qual «soamente lhe faleçe huum manypollo»;
- 1 manto carmesim, com estola e manípulos, tendo desenhado o emblema da esfera⁽⁵⁾;
- 4 capas: três de brocado e uma de damasco preto, sem capelo;
- 4 coxins: dois de brocado carmesim e dois de cetim azul raso;
- 6 coxins de veludo carmesim;
- 2 capelos de brocado;
- 1 alva, com seus regaços de cetim raso, pardo, com seu amito;
- 2 coxins de veludo negro;
- 2 coxins de brocado;

(4) O primeiro centro da Ordem de Cristo, desde a sua criação, no tempo de D. Dinis, foi Castro Marim. Mas, na primeira ordenação de 11 de Junho de 1321, frei Gil Martins reserva Castelo Branco para morada do mestre. Só em 1356, se deu a transferência definitiva para Tomar (Vide: *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1960, vol. I, pág. 103, nota (5)).

(5) O emblema da esfera foi dado, em 1483, por D. João II a D. Manuel, quando lhe montou casa (Vide: Damião de Góis, *ob. cit.*, vol. I, págs. 13-14; António Caetano de Sousa, *ob. cit.*, vol. III, pág. 142).

- 1 capelo de damasco branco;
- 27 cordões de vestimentas ^(o) bentas;
- 1 corrediça de cortina de cetim raso verde e vermelho, de três panos e meio, tendo cada um, três côvados;
- 1 pano de cetim raso azul;
- 4 panos (de cetim raso azul?) de quatro côvados menos sesma de comprido;
- 1 reposteiro, metade de veludo verde e roxo e a outra metade de damasco verde e roxo, bordado de cetim «alionado», tendo as iniciais e as armas de D. Manuel, e sendo guarnecido com troçais de ouro e forrado de pano de linho branco;
- 1 cortina de damasco «bamdada de coores» e um pano verde e outro pardo, sem costaneira, para o altar mor;
- 4 frontais do mesmo género da cortina, sendo um para o altar mor e os outros três para os altares pequenos que se encontram à volta da charola;
- 7 aras sagradas;
- 1 turíbulo de prata branca, com o peso de oito marcos e meio e meia onça de prata;
- 4 retábulos, dos quais só três estão explícitos: a Adoração dos Reis Magos, a Anunciação e Nossa Senhora a amamentar o Menino.

Mandadas fazer propositadamente para o Convento, foram entregues a Luís de Góis, recebedor do tesouro, as seguintes peças de prata:

- 1 cálice e patena de prata dourada, pesando o primeiro quatro marcos menos meio real;
- 2 castiçais dourados, com o peso de catorze marcos, menos três reais e meio;

(^o) As vestimentas eram todos os paramentos com que um sacerdote se revestia para celebrar. Constava de amito, alva, cingulo, manipulo, estola e planeta (J. de Rosa de Viterbo, *Elucidario das palavras, termos, e frases que em Portugal antiguamente se usárão e que hoje regularmente se ignorão*, 2.^a ed., Lisboa, 1875, tomo II, pág. 268).

- bacia de mãos, dourada, pesando quatro marcos e quatro reais;
- 1 gomil, parcialmente, dourado que pesa três marcos e entre cinco e três reais e meio;
- 2 galhetas grandes e duas pequenas, com o peso de cinco marcos, três onças e dois reais e meio;
- 1 buceta para hóstias com o valor de um marco, cinco onças e quatro reais e meio (7).

Além destas ofertas entrega, ainda, a Pero Afonso, contador de Tomar, um turíbulo de prata, «obra de maçenaria», com o peso de oito marcos e meio e meia onça. Com o dinheiro das «meas anadas», ordena a Álvaro Pereira que compre uma alcatifa, depois entregue a frei João da Cal (8).

(7) A 28 de Agosto de 1494, temos a entrega de um outro fornecimento, ou talvez o mesmo acima citado, de peças de prata:

«Item, entregou Luis de Goes ao dicto Alvaro Pereira, dous castiças de prata grandes dourados todos de cardos que pesaram, scilicet, hum pesou seis marcos ssete onças e seis reais, e outro castiçal pesou seis marcos e sete onças e ssete reais, que valem ao todo treze marcos e sete onças e cinco reais.

Item, lhe entregou mais hum baçio de prata dourado de bastiães de folhageens com a cruz de Cristo no meo o qual era dourado pollas bordas e no fundo e pelo meo branco, tiinha huñas manchas mal douradas, he furado per muitas partes da mesma obra o quall pesou quatro marcos e quatro reais.

Item, lhe entregou mais hum agomill de cizell baixo, dourado em partes, que pessou tres marcos, çinquo onças e çinquo oytavas, amolgado no pee pola borda em alguñas partes.

Item, lhe entregou mais hum caliz de prata dourado todo com sua patana, com huña fenda pequena na borda, que pesou tres marcos, sete onças, sete oitavas e mea com a patana.

Item, mais entregou o dicto Luiz de Goes ao dicto Alvaro Pereira, duas galhetas de prata brancas, ssem eyxos que pesarom hum marco e ssete rreais.

Item, lhe entregou mais outras galhetas grandes com cizellados em partes de çizell baixo com a cruz de Cristo nas cuberturas, que pesarom tres marcos, seis onças e tres oitavas.

Item, lhe entregou mais huña boçeta d'osteas com a cruz em cima toda de prata, que pesou hum marco e çinquo onças e quatro oitavas» (A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fls. 268-268 v.º).

(8) A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fls. 5-6 v.º.

A Santa Maria do Castelo é-lhe ofertado, a 8 de Fevereiro de 1492, através de Jorge Eanes, tesoureiro:

- 1 cortina de sarja vermelha e verde ⁽⁹⁾;
- 1 frontal de pano de linho;
- 1 vestimenta, também, de linho;
- 1 caldeira de água benta;
- 1 bacia de oferta;
- 2 castiçais de metal;
- 1 turíbulo, também, de metal;
- 2 imagens de pedra, pintadas de ouro e de azul, uma de Santa Maria e outra de S. Brás ⁽¹⁰⁾.

À igreja principal da vigairaria de Tomar, Santa Maria do Olival ⁽¹¹⁾, oferece, por intermédio de Estêvão Gonçalves, clérigo de missa e tesoureiro do dito templo, o seguinte:

- 3 vestimentas brancas de linho, com cruces vermelhas;
- 1 cortina de sarja, tendo bordados a matiz uma cruz vermelha, um pelicano e um pavão;
- 1 manto de veludo carmesim, tendo nas costas o emblema da esfera;
- 1 pontifical de brocado raso roxo, com savastro de veludo carmesim e sem cordéis;
- 2 vestimentas: uma de veludo carmesim, com savastro de brocado raso roxo, e a outra de brocado raso roxo, com savastro de veludo velutado carmesim;
- 1 capa de brocado raso roxo com savastro e capelo, de veludo carmesim, com franja de retrós de várias cores.

⁽⁹⁾ A sarja, no séc. XV, é um dos tecidos importados do norte da Europa. Sabemos, por uma lista de preços de 1439-1448, que um côvado deste pano custava 22 soldos. (Vide: J. da Silva Marques, *Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, 1944, vol. I, pág. 461; C. Verlinden, «Draps des Pays-Bas et du Nord-Ouest de l'Europe au Portugal au XV^e siècle», in *Anuario de Estudios Medievales*, Barcelona, 1966, vol. III, pág. 250). Em 1452, oito peças de sarja custaram em Bruges, oito libras e quatro soldos (Vide: J. da Silva Marques, *ob. cit.*, suplem. ao vol. I, pág. 161).

⁽¹⁰⁾ A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fl. 7.

⁽¹¹⁾ A.N.T.T., *Ordem de Cristo*, liv. 52, fl. 61.

Estes quatro últimos paramentos foram entregues ao vigário de Tomar, «dos ornamentos que o Senhor duque mandou dar pera as igrejas quando se fez o cabiido».

Juntamente com as três vestes de linho e com a cortina de sarja, foram ofertadas as seguintes peças de ourivesaria:

- 6 galhetas de estanho;
- 2 castiçais de metal;
- 1 caldeira de metal para a água benta;
- 1 bacio de metal para a oferta ⁽¹²⁾.

A igreja de S. João recebe, nas mãos do seu capelão, Domingos Vaz, o que se segue:

- 2 castiçais de metal;
- 3 varas e meia de toalhas, possivelmente, de linho⁽¹³⁾.

Envia a Rui Mendes, capelão de Pias, o seguinte:

- 1 cortina de linho, «pimtada com aves e outras cousas»;
- 1 paramento de linho com uma cruz vermelha;
- 1 frontal de linho com uma cruz vermelha de Cristo ⁽¹⁴⁾;
- 1 vestimenta de damasco branco com suas almategas;
- 2 castiçais;
- 1 caldeira para a água benta;
- 1 bacio para a oferta;
- 1 turíbulo de «arame» ⁽¹⁵⁾;

(12) A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fls. 8-8 v.º.

(13) *Ibidem*, fl. 9.

(14) A cruz da Ordem de Cristo apresenta-se com uma forma especial. Quanto à forma dos braços, constitui uma variante da cruz potentea, sendo cada uma das suas extremidades rematada por um triângulo isósceles, cuja base fica voltada para o exterior. O seu esmalte é vermelho, tendo no meio uma cruz de prata, excepto nos remates dos braços (Vide: G. L. dos Santos Ferreira, *Armorial Português*, Lisboa, 1923, tomo II, III parte, pág. 56). Era esta cruz que as caravelas portuguesas levavam, desenhada nas suas velas.

(15) Segundo parece «arame» significou no decorrer do tempo, a liga de cobre e zinco, o latão ou metal amarelo, e as próprias louças de cobre ou de estanho ou deste mesmo metal amarelo (Vide: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, ed. Verbo, Lisboa, 1964, vol. II,

- 1 âmbula para o óleo do Crisma;
- 2 pares de galhetas de estanho;
- 2 castiçais grandes de açofar ⁽¹⁰⁾.

A igreja de Olalhas recebe, pelas mãos do seu capelão, João Pires, o que a seguir se menciona:

- 1 cortina de «ssobra» (?) verde e vermelha;
- 1 vestimenta branca de linho, com uma cruz vermelha;
- 1 bacia para a oferta;
- 2 castiçais pequenos;
- 2 galhetas ⁽¹⁷⁾.

À igreja de Dornes é doado o seguinte ⁽¹⁸⁾:

- 2 vestimentas brancas de linho, tendo a cruz de Cristo, desenhada;
- 1 cortina de sarja;
- 1 frontal de pano de linho;
- 1 vestimenta de veludo carmesim com sua alva, estola, manípulo, amito e cinta, que estava no convento, desde o tempo da «Senhora Ifante» ⁽¹⁹⁾.

pág. 935). É, possivelmente, na acepção de vasilha de cobre que esta mesma expressão se encontra numa receita de «*O Livro de Cozinha da Infanta D. Maria de Portugal*», ed. por G. Manupella e Salvador D. Arnaut, Coimbra, 1967, pág. 50.

⁽¹⁰⁾ «Açofar» significa, possivelmente, latão (Vide: *Dicionário Prático Ilustrado*, dir. por J. de Séguier, Porto, 1955, pág. 15).

⁽¹⁷⁾ A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fl. 11.

⁽¹⁸⁾ Segundo o primeiro Regimento da Ordem de Cristo, feito por frei Gil Martins, Dornes foi dada, em comenda, a um dos freires cavaleiros da milícia. Do seu rendimento, este devia pagar 200 libras ao comendador de Ferreira e de Vila de Rei e 100 ao de Puços. A segunda ordenação menciona, apenas, que o detentor desta comenda, possui as rendas da vila, sem explicitar qualquer pagamento feito por este (Vide: *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1960, vol. I, págs. 147 e 156).

⁽¹⁹⁾ É possível que esta «Senhora Ifante» seja D. Beatriz, a mãe de D. Manuel e viúva do infante D. Fernando, filho adoptivo e herdeiro do infante D. Henrique, e, tal como este, regedor e administrador da Ordem de Cristo. Esta infanta zelou pelos interesses do filho D. Diogo, enquanto menor, que sucedeu no título a seu irmão, D. João (Vide nota (2) e bibliografia aí indicada).

- 2 castiçais grandes de «arame»;
- 1 turíbulo deste metal;
- 1 caldeira para a água benta;
- 1 âmbula de estanho, para os Santos Óleos;
- 1 bacia de «arame» para a oferta;
- 2 pares de galhetas (20).

As igrejas de Soure (21), são-lhe mandadas as seguintes peças:

- 3 vestimentas de seda: uma de damasco branco, outra de azul e uma terceira de damasco preto;
- 2 almategas de damasco azul com «betas» de damasco carmesim para o meio;
- 1 capa de damasco azul com as bandas e o capelo de côr carmesim;
- 3 vestimentas de pano de linho da Bretanha, tendo desenhadas a cruz de Cristo da Ordem;
- 2 cortinas de sarja vermelha para os altares;
- 2 frontais de pano grosso «da ssaudaçom»;
- 2 bacios de «arame» para oferta;
- 2 turíbulos deste metal;
- 4 castiçais grandes, também, de «arame»;
- 1 caldeira para a água benta, igualmente, deste metal;
- 8 galhetas pequenas de estanho;
- 1 âmbula para os óleos, também, de estanho;
- 2 missais pequenos «de missas privadas»;
- 2 baptistérios;

(20) A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fl. 25.

(21) A vila de Soure pertencia à Ordem do Templo e, como tal, passou para a de Cristo (Vide: *Monumenta Henricina*, vol. I, pág. 129). Pelo primeiro regimento desta milícia, feito por frei Gil Martins, sabemos que um freire cavaleiro deve ser o comendador desta vila. Pagará 1.100 libras ao convento e 130 ao comendador de Casével (Vide: *Ob. cit.*, págs. 145 e 147). Pela segunda ordenação, feita em 1326, por D. João Lourenço, Soure devia ter um comendador cavaleiro que manteria outro freire, «guisado de caualo e darmas», e daria, anualmente, ao Estudo Geral de Coimbra, 1.200 libras. Este comendador auferia as rendas do temporal e espiritual desta vila (Vide: *Ob. cit.*, pág. 155).

- 1 ferial grande;
- 1 saltério;
- 1 retábulo para a igreja de São Tiago «com tres imageens em elle: huña de ssam Joham e outra de ssam Tiago e outra de ssamt'Andre e de fora a ssaudaçom de nossa Senhora»;
- 2 castiçais pequenos de «arame»;
- 1 pontifical comprido e perfeito de brocado raso roxo com savastro de veludo roxo;
- 1 vestimenta completa de veludo carmesim com o seu savastro de brocado raso roxo;
- 1 capa de brocado raso roxo, com savastro e capelo de veludo roxo, com franja de retrós amarelo, verde e carmesim, tendo desenhada no peito o emblema de D. Manuel, a esfera.

Estes últimos paramentos foram destinados às igrejas de Soure, pelo duque, quando fez o cabido ⁽²²⁾.

Quatro igrejas de Pombal ⁽²³⁾ são, também, contempladas com as ofertas manuelinas. Uma delas, cujo nome ignoramos, recebe o seguinte:

- 1 cálice e sua patena de prata dourada;
- 1 cálice e patena, ambos de prata branca;
- 1 vestimenta de damasco branco, com a divisa da esfera;
- 1 vestimenta de damasco azul com uma lista vermelha do mesmo tecido, ao meio ⁽²⁴⁾.

⁽²²⁾ A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fls. 30-31.

⁽²³⁾ As igrejas de Pombal pertencem, desde 1196, à Ordem do Templo. Foram-lhe doadas, juntamente, com as de Ega e de Redinha, pela rainha, em esmola perpétua (Vide: *Monumenta Henricina*, vol. I, pág. 31). Como património da extinta ordem militar, elas passam para a milícia de Cristo. Pelo primeiro regimento, sabemos que o comendador de Pombal pagava 1.500 libras ao convento (Vide: *Ob. cit.*, págs. 145 e 148). Pela segunda ordenação, aquele possuía as rendas do espiritual e do temporal da vila, sustentava um freire cavaleiro e devia dar, às terças do ano, aos Estudos Gerais de Coimbra, 1.800 libras (Vide: *Ob. cit.*, pág. 155).

⁽²⁴⁾ A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fl. 35.

À igreja de S. Pedro desta vila, é enviado o que se segue:

- 2 vestimentas novas de linho;
- 1 cortina de pano «com labores»;
- 1 frontal do mesmo género;
- 4 galhetas de estanho;
- 2 castiçais de «arame»;
- 1 bacia do mesmo material para o Ofertório;
- 1 turíbulo, também, do mesmo metal ⁽²⁵⁾.

À igreja de Santa Maria de Pombal, cabe-lhe:

- 1 vestimenta de linho;
- 1 baptistério;
- 1 missal «novo das myssas e festas do comuum»;
- 2 castiçais grandes de «arame» ⁽²⁶⁾.

Para S. Martinho, é entregue:

- 1 cortina de sarja, trabalhada;
- 1 frontal do mesmo tecido;
- 2 vestimentas novas de pano de linho;
- 2 pares de galhetas de estanho;
- 1 caldeira para a água benta;
- 2 castiçais de «arame»;
- 1 turíbulo da mesma matéria;
- 1 missal ⁽²⁷⁾.

A 16 de Março de 1493, frei João da Cal entrega a Mateus Álvares, para a igreja de Castelo Branco ⁽²⁸⁾, o que abaixo se refere:

- 1 capa de brocado roxo, com savastro e capelo de veludo roxo e franja de retrós de várias cores;

⁽²⁵⁾ *Ibidem*, fl. 36.

⁽²⁶⁾ *Ibidem*, fl. 37.

⁽²⁷⁾ *Ibidem*, fl. 38.

⁽²⁸⁾ Castelo Branco é um dos lugares, pertencentes à Ordem do Templo, que, pela bula de 14 de Março de 1319, do papa João XXII, passam a fazer parte dos bens da nova ordem militar. É sede da Ordem

- 1 pontifical completo de brocado de veludo carmesim «de pello» (29).

Para Idanha-a-Velha (30), é ofertado o seguinte:

- 1 vestimenta de «lenço», com seus aparelhos (31);
- 1 âmbula para os óleos;
- 1 pedra de altar;
- 4 galhetas (32).

Gonçalo de Pina, almoxarife, recebe estas peças para os templos de Nisa (33):

- 1 vestimenta de veludo carmesim, com a sua alva, estola, manípulo e cordão, tendo nas costas a esfera;
- 1 vestimenta completa de damasco, com os lados azul e vermelho;
- 1 outra de damasco preto;
- 1 capa de damasco azul e vermelho;
- 2 almátegas de damasco azul e vermelho, forradas de pano de linho amarelo;

de Cristo, antes de esta se transferir definitivamente para Tomar (Vide: *Monumenta Henricina*, vol. I, págs. 103, nota (5), e 114).

(29) A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fl. 45.

(30) Quer Idanha-a-Velha, quer Idanha-a-Nova, faziam parte dos bens que a extinta Ordem do Templo possuía na Beira (Vide: *Monumenta Henricina*, vol I, pág. 130). Elas são dadas em comenda a dois dos freires cavaleiros da Ordem de Cristo, por frei Gil Martins, recebendo ambos 500 libras, cada um, do comendador de Rio Frio (Vide: *Ob. cit.*, pág. 148). Pelo regimento de D. João Lourenço, de 1326, o cavaleiro detentor da comenda de Idanha-a-Velha, aufere a renda do espiritual e temporal desta vila, além das 200 libras dadas, metade pelos comendadores de Almourol e da Cardiga e a outra meia pela renda do espiritual de Proença (Vide: *Ob. cit.*, pág. 157).

(31) O «lenço», juntamente com as especiarias, os artigos de retrosaria e o linho fazia parte das mercadorias importadas, não taxadas, pela legislação de 12 de Março de 1410, pois elas custariam consoante o que «valerem ao tempo da paga» (Vide: J. da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1944, vol. I, pág. 223).

(32) A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fl. 55.

(33) Desde a sua criação que a Ordem de Cristo possui Nisa (Vide: *Monumenta Henricina*, vol I, pág. 144). Esta vila fazia parte dos bens e rendimentos do mestre da Ordem (Vide: *Ob. cit.*, págs. 144 e 152).

- 1 frontal, para o altar, de pano de linho «pimtado»;
- 1 cortina de solia ⁽³⁴⁾, tendo desenhadas as cruzes de Cristo;
- 1 caldeira de metal para a água benta;
- 1 turíbulo de «arame»;
- 2 castiçais, também, deste material;
- 4 galhetas de estanho;
- várias âmbulas deste metal;
- 1 bacia grande de cobre para o ofertório;
- 1 cálice e patena de prata, parcialmente, dourada, pesando três marcos;
- 1 livro místico;
- 1 missal;
- 1 ordinário de missa, feito por Pero Eanes, clérigo em Nisa, por ordem dos visitantes;
- 1 capa de brocado roxo raso, com savastro e capelo de veludo carmesim;
- 1 pontifical completo de brocado roxo, de pêlo raso com savastros de veludo azul;
- 1 vestimenta comprida de veludo azul com savastro de brocado raso, roxo.

Estes três últimos paramentos são entregues a Álvaro Martins, almoxarife desta vila, a 25 de Março de 1493.

Além das ofertas mencionadas, temos conhecimento da doação de um retábulo e quatro castiçais, dados, posteriormente, aos juízes, por ordem de D. Manuel ⁽³⁵⁾.

Este contempla a igreja de Arêz com as seguintes ofertas:

- 1 vestimenta com a sua alva, amito e manípulo, toda de linho branco e forrada de brocado carmesim e preto;
- 1 vestimenta completa de seda;

⁽³⁴⁾ Frei J. de Santa Rosa de Viterbo define assim esta palavra: «certo pano ou droga de que pelos annos de 1300 se vestiam em Portugal senhoras nobres e distintas» (Vide: Fr. J. de St.^a Rosa de Viterbo, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antiguamente se usárão e que hoje regularmente se ignorão*, 2.^a ed., Lisboa, 1875, tomo II, pág. 220).

⁽³⁵⁾ A.N.T.T., Gaveta 7, maço 18, doc. n.º 1, fls. 60-61.

- 1 sarja de solia, com a divisa de D. Manuel, estampada;
- 1 frontal de linho pintado;
- 1 cálice com sua patena, ambos de prata, pesando marco e meio e três reais;
- 2 galhetas;
- 1 turíbulo de «arame»;
- 1 bacio grande, desta liga, para o ofertório;
- 1 âmbula de estanho;
- 1 caldeira ⁽³⁶⁾.

Para a ilha da Madeira ⁽³⁷⁾, apenas, temos referência à entrega a Álvaro Fernandes Baldaia, de uma vestimenta com seus aparelhos para a igreja de Garila ⁽³⁸⁾.

O arquipélago dos Açores ⁽³⁹⁾ encontra-se melhor representado neste livro.

Assim, a ilha de S. Miguel recebe, por intermédio de João Afonso, na altura, vigário da ilha de Santa Maria, o que a seguir se menciona:

- 1 vestimenta com seu atavio;
- 1 pedra para o altar;
- 4 galhetas;
- 1 caldeira para a água benta;
- 1 âmbula.

⁽³⁶⁾ *Ibidem*, fl. 65.

⁽³⁷⁾ Por carta de 26 de Setembro de 1433, D. Duarte doa à Ordem de Cristo «todo ho spiritual das nossas jlhas da madeira e do porto Sancto e da jlha deserta que agora nouamente o dicto jffante per nossa autoridade pobra assy e pella guisa que o ha em tomar Reseruando que fique pera nos e pera a coroa dos nossos regnos o foro e o dizimo de todo o pescado que se nas dictas jlhas matar...» (Vide: J. da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1944, vol. I, pág. 273; *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1962, vol. IV, pág. 269). Mais tarde, a espiritualidade destas ilhas e a dos Açores e costa da Guiné é legada por D. Henrique «administrador no espiritual e no temporal» do Mesurado da Ordem de Cristo, por bula do papa Eugénio IV, de 1443, à citada milícia, que a possuirá até à criação, em 1514, da diocese do Funchal (Vide: *Monumenta Henricina*, vol. I, pág. 105, nota (6)).

⁽³⁸⁾ A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fl. 67.

⁽³⁹⁾ Vide nota (37).

Vasco Pereira leva para esta ilha uma vestimenta e quatro galhetas e João Rodrigues:

- 2 sinos;
- 4 cruces da Flandres;
- 4 eixos para os sinos;
- 2 castiçais.

Estas últimas doações foram endereçadas por carta de 11 de Junho de 1489 ⁽⁴⁰⁾.

Para a ilha de Graciosa, também, no mesmo arquipélago, temos uma primeira oferta, feita em 1486, de um missal de «forma» e seis galhetas, e uma segunda doação, a 7 de Fevereiro de 1494, das seguintes peças:

- 2 pares de castiçais;
- várias obradeiras;
- 2 lâmpadas;
- 4 galhetas ⁽⁴¹⁾.

A igreja da ilha do Fogo recebe:

- 1 vestimenta completa;
- 4 galhetas;
- 1 pedra para o altar.

Além destes artigos, são entregues ao capitão desta ilha, Fernão Gomes, estes objectos:

- 1 retábulo de S. Filipe, tendo representadas as armas e a divisa da esfera;
- 1 cálice de prata branca, valendo marco e meio;
- 1 campainha para a igreja;
- 2 castiçais de Flandres;
- 1 cortina de linho de cor, para o altar;
- 1 frontal do mesmo tecido ⁽⁴²⁾.

⁽⁴⁰⁾ A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fl. 128.

⁽⁴¹⁾ *Ibidem*, fl. 135.

⁽⁴²⁾ *Ibidem*, fl. 155.

As igrejas dos Açores são, ainda, contempladas com:

- 7 peças de vestimentas completas, de pano francês, tendo desenhadas a cruz de Cristo;
- 7 cortinas de sarja vermelha;
- 7 frontais com a cruz de Cristo representada;
- 4 castiçais grandes de açofoar;
- 28 galhetas;
- 7 caldeiras de latão para a água benta;
- 7 caixas de estanho para o óleo;
- 7 bacias de latão para o ofertório;
- 7 pedras de altar com caixas de coiro (43).

Além destas indicações, o livro contem dois róis, ambos com a descrição de diversos paramentos, mas, todos eles com escassas referências aos locais a que se destinavam (44).

Na primeira lista, mencionam-se dezasseis pontificais, compridos e sem cordões nos capelos, uns de brocado raso, outros de «pello», uns de veludo, outros de cetim e damasco (45); trinta vestimentas, compostas de alvas, amitos, estolas, manípulos e cintas, feitas de brocado minhoto ou de brocado raso, umas, de veludo, de cetim «avelutado», de damasco, outras (46); dez frontais, dos mesmos tecidos caros, sendo dois deles de cinco panos e os restantes oito, de três (47); e, finalmente, onze capas, tendo duas delas, representada no capelo, a saudação de Nossa Senhora e uma terceira, a Virgem com os Apóstolos (48).

Pelo segundo rol dos pontificais, vestimentas, frontais e capas, entregues por Fernão Lopes, guarda-roupa do duque D. Manuel, a Álvaro Pereira, fidalgo da sua casa e contador do mestrado de Cristo, para serem entregues aos diversos templos deste, sabemos dos dezasseis pontificais, aqui, indicados, sete

(43) *Ibidem*, fl. 283 v.º.

(44) *Ibidem*, fls. 12-16 v.º e 264-267 v.º

(45) *Ibidem*, fls. 13 v.º-14.

(46) *Ibidem*, fls. 14-15.

(47) *Ibidem*, fls. 15 v.º-16.

(48) *Ibidem*, fls. 16 v.º-17.

foram entregues, unitariamente, a cada uma das seguintes igrejas: Nisa, Soure, Pombal, Sta. Maria do Olival, em Tomar, Machico, e dois à do Funchal. O mesmo sucede com as trinta vestimentas. Castelo Branco, Santa Maria de Belém⁽⁴⁹⁾, Soure, Nisa, Santa Maria do Olival, em Tomar, Machico, Sta. Cruz, Sta. Maria da Luz, na ilha da Madeira, Sta. Maria de Porto Santo, Faial, S. Miguel e Sta. Maria de Angra, no arquipélago dos Açores, recebem cada uma, uma vestimenta, e a igreja do Funchal, duas. Das vinte e uma capas entregues, os templos de Castelo Branco, Soure, Nisa, Pombal, Sta. Maria do Olival, em Tomar, de Angra, Machico e Funchal, recolhem uma⁽⁵⁰⁾.

Temos conhecimento, também, de que todos estes paramentos são entregues a Frei João da Cal por Álvaro Pereira, a 3 de Março de 1493, altura em que grassa a peste por Tomar. Talvez, por isso, segundo tivemos oportunidade de dizer atrás, algumas destas vestes só chegarão ao seu destino em 1494.

O mesmo livro refere-se, também, às obras feitas no convento de Tomar, em 1491, e, talvez, aqui esteja uma razão explicativa do grande número de ofertas (82 no total), feitas a este templo. Por ele sabemos que, nos últimos três meses deste ano, são enviados, para pagamento destas despesas, 249 mil reais de prata, dos quais 120 mil provieram da fusão de um cesto de prata, com o qual se fabricou moeda, na Casa da

(49) A igreja de Santa Maria de Belém foi mandada erigir, no Restelo, «termo da cidade de lixboa», pelo infante D. Henrique, para que os mareantes, antes de partirem para as suas longas viagens, pudessem assistir aos officios divinos. Em 1434, pede ao papa Eugénio IV que a anexe, perpétuamente, à Ordem de Cristo (Vide: *Monumenta Henricina*, Coimbra, 1962, vol. IV, pág. 357; J. da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, 1944, vol. I, pág. 590). Em 1459, o papa Pio II defere o pedido do infante (Vide: J. da Silva Marques, *ob. cit.*, pág. 562). A 18 de Setembro de 1460, este doa St.^a Maria de Belém «pera todo ssenpre aa dicta hordem da dicta Jgreja com çertas condiçoes aJuso stpitas a saber que de augua aJa a hordem senpre seruidom pera o que lhe mester ffezer pera sseus pumares e hortas E outra quall quer despesa... A quall Jgreja e padroado della hortas casas e terras com todas ssuas pertencas dou aa dicta hordem...» (Vide: J. da Silva Marques, *ob. cit.*, pág. 578).

(50) A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fls. 264-267 vº.

Moeda de Lisboa, e 39 mil da venda de uma propriedade, em Évora, a D. João de Sousa, por 140 mil reais ⁽⁵¹⁾.

Como podemos inferir, pela leitura deste livro, D. Manuel desde que recebe o título de regedor e governador da Ordem de Cristo, em Agosto de 1484, não é parco nas suas ofertas aos templos desta milícia. De facto, a primeira referência que possuímos a doações suas, pertence a 1486, isto é, sensivelmente dois anos após a tomada de posse deste cargo.

Assim, pelo que acabámos de indicar, o «Livro em que som assemtadas as vistimentas, joyas e ornamentos...» dá-nos indicações preciosas sobre os vários objectos, usualmente, doados às igrejas pelos seus protectores, quer sejam os grandes senhores laicos, como era o caso do duque de Beja, quer sejam os altos dignitários eclesiásticos. Este livro, truncado, dá-nos um total de 650 peças ofertadas, entre paramentos, objectos de ourivesaria e alfaias diversas, nas quais englobamos, entre outras obras, os retábulos, as estátuas, os livros místicos e missais. Sobressaem, entre as várias doações, as oitenta e duas peças, entregues ao Convento de Tomar, das quais podemos ressaltar os cálices, turíbulos, buquetas, castiçais, etc., com o valor de 45 marcos de prata e 22 reais. No Portugal metropolitano, sucede-lhe imediatamente, Soure, Nisa e Santa Maria do Olival, esta última com vinte e duas peças. Entre a Madeira e o arquipélago dos Açores, o favor do duque pende mais para este último, que vê algumas das suas igrejas, acrescidas de cento e quarenta obras, enquanto que a primeira recebe, apenas, doze.

Embrenhando-nos, mais, no contexto do manuscrito, sabemos que dos duzentos e um paramentos doados, onde se incluem vestimentas completas, com as suas alvas, estolas, manípulos, amitos e cintas, pontificais, capas, capelos, etc., uma grande maioria é composta por tecidos importados e, portanto, caros. Assim, encontramos referências aos mais diversos panos, quer nacionais, como o linho ⁽⁵²⁾, o pano

⁽⁵¹⁾ A.N.T.T., *Gaveta* 7, maço 18, doc. n.º 1, fl. 283.

⁽⁵²⁾ Desde o início da nossa monarquia e, até mesmo antes, a cultura do linho no norte do país foi bastante florescente. Em Trás-os-Montes, em pleno séc. XV, ela chegava a disputar a terra aos cereais

grosso⁽⁵³⁾, o brocado minhoto e, provavelmente, a seda⁽⁵⁴⁾, quer estrangeiros, como os brocados, os damascos, os cetins, os veludos, a sarja, o pano de linho da Bretanha, o pano francês⁽⁵⁵⁾.

Quanto aos objectos de ourivesaria, temo-los, uns, em metais nobres, como o ouro e a prata, quer branca quer dourada, e outros em cobre, latão, «arame» e estanho. Sobre a sua proveniência, pouco sabemos, excepto que alguns dos sinos e castiçais, ofertados às igrejas açorianas, são oriundos da Fandres. Contudo, no que diz respeito aos objectos de prata

e à vinha (Vide: Henrique da Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal, nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1950, tomo IX, págs. 104-105).

(53) Apesar da extraordinária concorrência dos textéis estrangeiros, a tecelagem portuguesa nunca paralizou totalmente. Assim, vemos surgir a tecelagem de panos em diversas zonas do país, como na Covilhã, Alcobaga, Viana do Castelo. D. Beatriz, mãe de D. Manuel, incrementa, em Beja, o fabrico de buréis e dos panos grosseiros (Vide: Sousa Viterbo, *Artes industriais e indústrias portuguesas. Indústrias textéis e congéneres*, Coimbra, 1904, págs. 15, 38, 53 e 20, respectivamente).

(54) A indústria da seda desenvolveu-se nas propriedades do duque de Guimarães, filho do duque de Bragança, durante o reinado de D. Afonso V. Este monarca autoriza que os castelhanos que venham traficar nas terras daquele, possam vender os seus panos a retalho, para com o dinheiro comprarem a seda. Por um documento de 1475, dirigido ao duque de Guimarães, sabemos que houve uma tentativa de melhoramento da produção da seda portuguesa. Diz esta carta: «sobre certa lauramento de seda que ham de mädar laurar na cidade de Bragança, pedindonos que por quanto pera o dito lauramento lhe he necessario mais fina seda da que há em nossos Regnos e lhe comueẽ a mandar viir dalmaria (Almeria) e outras partes em que ha ha asy mais fina...». Para este efeito, vieram para o nosso país, dois estrangeiros: um, talvez, castelhano, Rui Gonçalves de Portillo e o outro genovês, Gabriel Pinello (Vide: Sousa Viterbo: *Artistas e Artífices de Guimarães. Notícia documental*, Porto, 1897, págs. 5-7; *Idem, Artes industriais e indústrias portuguesas. Indústrias textéis e congéneres*, Coimbra, 1904, pág. 34; H. de Gama Barros, *História da Administração Pública...*, Lisboa, 1950, tomo IX, págs. 243-245).

(55) Vide sobre este assunto: C. Verlinden, «Draps des Pays-Bas et du Nord-Ouest de l'Europe au Portugal au XV^e siècle», in *Anuario de Estudios Medievales*, Barcelona, 1966, vol. III, págs. 235-260; H. de Gama Barros, *ob. cit.*, tomo IX, págs. 215-219; *História de Portugal*, Barcelos, 1931, vol. III, pág. 654 e vol. IV, pág. 19, entre outros.

lavrada, entregues no Convento de Tomar, o livro dá-nos o nome do ourives, seu provável autor. É ele, o judeu Jacob Sampaio, ourives de D. Manuel⁽⁵⁶⁾. Certamente, seria um belo exemplar de trabalho de ourivesaria, a cruz dourada, com o peso de cinquenta e nove marcos de prata, que este mesmo judeu, entrega à guarda de Álvaro Pereira⁽⁵⁷⁾.

Sobre os retábulos, certamente pintados por alguns dos pintores «primitivos portugueses», contemporâneos do reinado de D. João II, cujos nomes ficaram no esquecimento, nada sabemos, além dos assuntos que tratavam e que eram temas frequentes, na época.

Saltérios, baptistérios, missais e livros místicos fazem, também, parte das encomendas destinadas às igrejas da Ordem de Cristo. Quanto a estes últimos, possivelmente, se poderão agrupar dentro das obras de carácter semelhante, pertencentes ao século XV. Com certeza, eles teriam desenhos e iluminuras primorosamente bem delineadas, tal como era usual nas obras saídas dos mosteiros de Alcobaça e de Santa Cruz, na época⁽⁵⁸⁾. Ignoramos a proveniência destes livros, com excepção do ordinário de missa, ofertado à igreja de Nisa. Foi seu autor Pero Eanes, clérigo nesta vila⁽⁵⁹⁾.

Como podemos concluir as doações, feitas por D. Manuel, no oitavo ano da sua regedoria da Ordem de Cristo, não foram parcas, se anotarmos os 240 mil reais, dispendidos nas obras do Convento, além das doações dos diversos paramentos, alfaias religiosas, objectos de ourivesaria e obras de arte, muitas delas provenientes do estrangeiro, e, por conseguinte, bastante dispendiosas.

É de notar que não foi o único benefício que o futuro monarca fez às igrejas da Ordem de Cristo, enquanto duque, pois, sabemos, que, sensivelmente, pela mesma altura, mandou reconstruir os templos desta, em Tomar⁽⁶⁰⁾.

(56) A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fl. 269 v.º.

(57) *Ibidem*, fl. 286 v.º.

(58) Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 2.ª ed., Porto, 1967, vol. I, pág. 444.

(59) A.N.T.T., *Gaveta 7*, maço 18, doc. n.º 1, fls. 60-61.

(60) A.N.T.T., *Ordem de Cristo*, liv. 52, fl. 62 v.º (Escrito à margem).